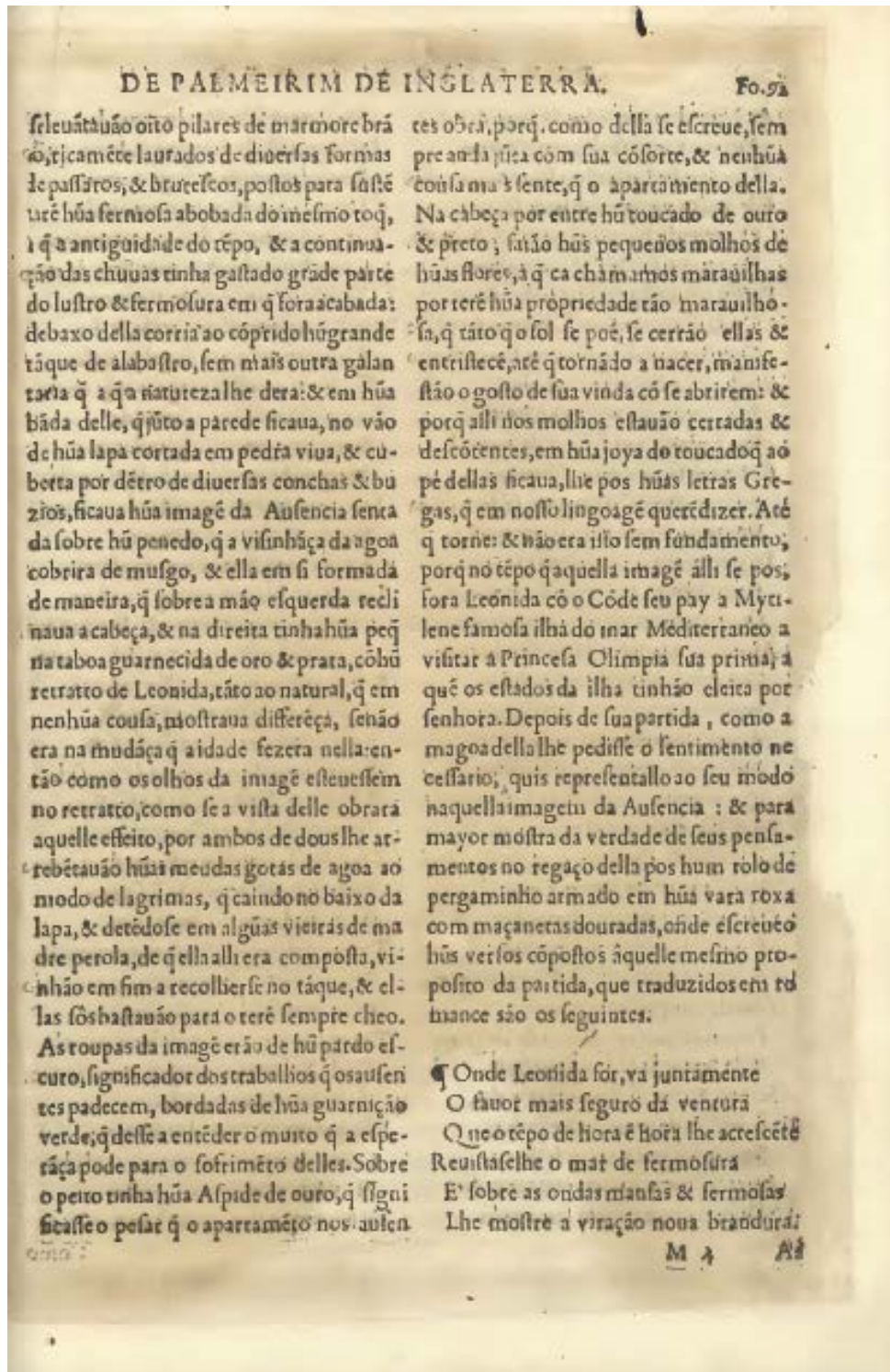




Palmeirim III (1587)- Poemas

Fac-símile

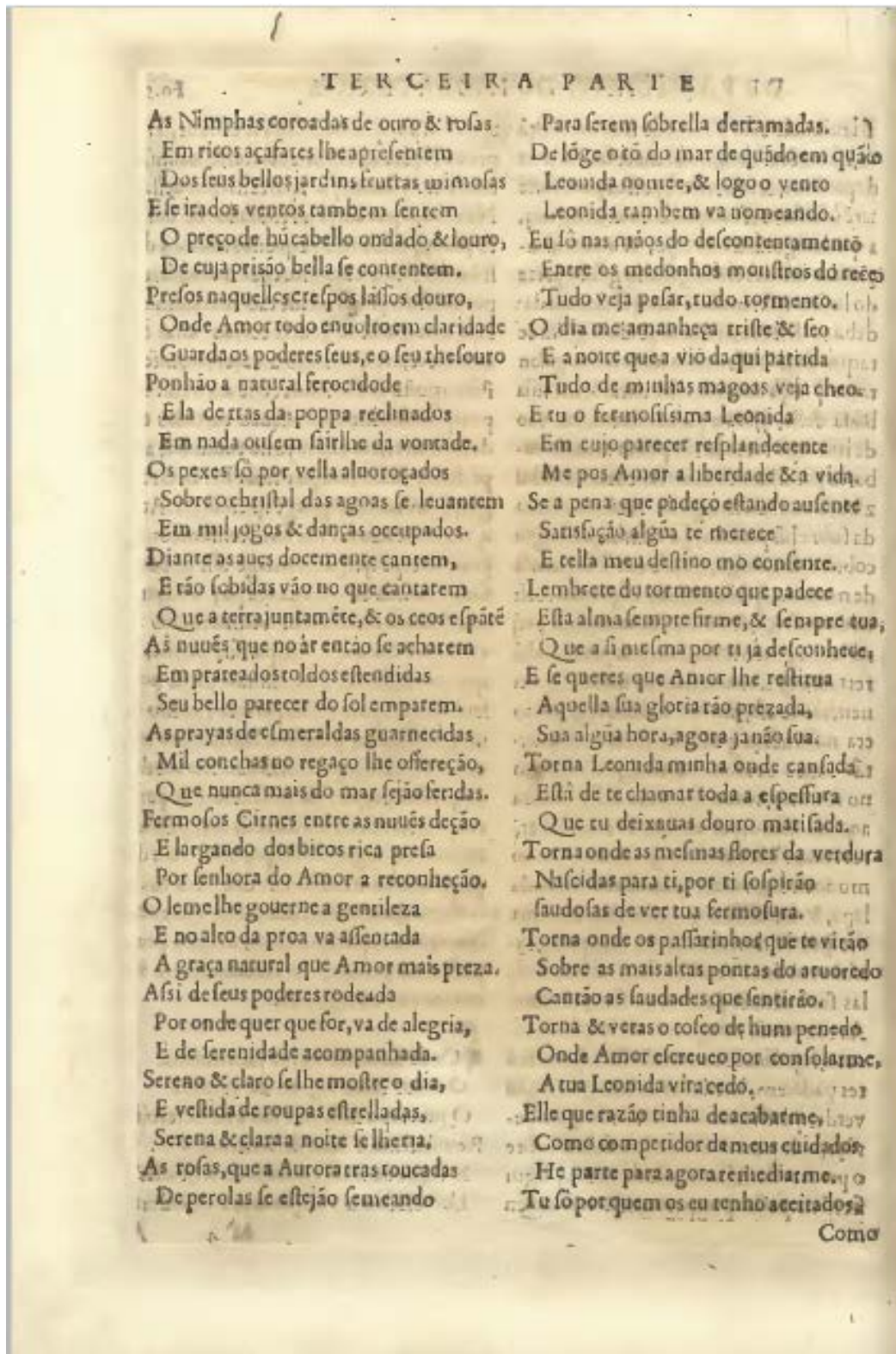
[92r/b]





UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO





UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

DE PALMEIRIM DE INGLATERRA.

Fo. 93

Como inimiga minha me trataste
Deixandome entre males tão pesados.
Mas se a ventura quer que inda não baste
O dano de hũa ausencia tão penosa
A que tão cruelmente me entregaste.
Sei que nunca sera tão poderosa
Que tirandome a vida desta sorte
Quem me fez a dor della não ditosa,
Me não faça tambem ditosa a morte.

¶ De hum lado da lapa, onde a figura da
Ausencia estava; ficou hũa grande tarja
de sermões, e compartimentos, lustrada
em marmore negro grandemente lustro
so, & nella em letras do ouro hum Epigra-
ma negro, que vem a dizer así.

¶ Quando Leonida dá licença ao vento
Que menece aquelle ouro delicado
Onde nunca chegou nenhum tormento
Que não fosse em prazer logo mudado.
Forçado he que se arrede o pensamento
Antes que chegue a ser nelle enlascado
Quehem sei que prisão de tanto preço
Nem a sei merecer, nem a mereço.

¶ Así como este ficava de hum lado,
assí do outro em outra tarja do mesmo
jaz se via o seguinte.

¶ Quando nos bellos olhos de Leonida
Se manifesta a luz que nelles mora,
A belleza do ceo fica vencida,
E logo se entristece & se descora.
Em final de victoria tão devida
Os despojos que toma a vencedora
São as mostras, daquelle azul ditoso
Que nos seus olhos anda tão sermoso.

¶ Muitas outras cousas quiz que ver, por
todo o espaço deste bosque, tão mereço-
doras de lembrança como as passadas, mas
não quis o chronista gastar tempo nel-
las, porque entendo quanto melhor, &
mais acertado he deixar a vontade com
o appetito do que falta, que com o fastio
do que sobeja.

¶ CAPITULO LXI. COMO
Trineo & Pauorante se partição da ribeira
dos Griphos, & chegarão á ilha das
Colinas, & do que nella
lhes aconteceu.

Tinha então que ver a ribeira dos Gri-
phos, pella muitas particularida-
des que Aristides posera nella em serui-
ço de seus amores, & era tal a bradura de
Leonida, & o galalhado com que tratta-
va aos dous Principes Trineo & Pauoran-
te, que qualquer destas cousas era poderó-
sa para cartuarlhe as vontades, & tirarlhe
a lembrança de sua demanda, de q os mi-
mos & galantarias daquelle casa os des-
cuidarão de todo. Por fim de alguns dias, q
se passarão nisso, cairão elles na conta de
sua detença, & dizendo a Leonida a ra-
zão que tinham para partirese, lhe disserão
juntamente a pouca certeza que o tem-
po até então lhe mostrara do fim de sua
pretensão; o que ella sentio grandemem-
te, & revolvendo pella memoria algumas
cousas que então se lhe offerescerão para
remedio daquellas, & de que mais licença
mão foi a que logo lhes offeresceo, dizer
dolhe, que pois de Carmelia & Florianu
atelli tão poucas novas acharão, que par-
M q quif



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

Edição paleográfica

[92r/b] Onde Leonida for, va juntamente | O fauor mais seguro dá ventura | Que o tẽpo de hora ã hora lhe acrefcẽte | Reuistafelhe o mar de fermofura | E fobre as ondas manfas & fermofas | Lhe mostre a viração noua brandura | [92v/a] As Nimphas coroadas de ouro & rofas | Em ricos açafates lhe apresentem | Dos feus bellos jardins fructas mimofas | E fe irados ventos tambem fentem | O preço de hũ cabello ondado & louro, | De cuja prisão bella fe contentem. | Prefos naquelles crespos lassos douro, | Onde Amor todo enuolto em claridade | Guarda os poderes feus, e o feufhefouro | Pönhão a natural ferocidade | E la de tras da poppa reclinados | Em nada oufem fairlhe da vontade. | Os pexes fo por velha aluoroçados | Sobre o chriftal das agoas fe leuantem | Em mil jogos & danças occupados. | Diante as aues docemente cantem, | E tão fobidas vão no que cantarem | Que a terra juntamẽte, & os ceos efpãtẽ | As nuuẽs que no ar então fe acharem | Em pratedos toldos eftendidas | Seu bello parecer do fol emparem. | As prayas de efmeraldas guarnecidas | Mil conchas no regaço lhe offereção, | Que nunca mais do mar fejão feridas. | Fermofos Cirnes entre as nuuẽs deção | E largando dos bicos rica prefa | Por fenhora do Amor a reconheção. | O leme lhe gouerne a gentileza | E no alto da proa va affentada | A graça natural que Amor mais preza. | Afsi de feus poderes rodeada | Por onde quer que for, va de alegria | E de ferenidade acompanhada. | Sereno & claro fe lhe mostre o dia, | E veftida de roupas eftrelladas, | Serena & clara a noite fe lhe ria: | As rofas, que a Aurora tras toucadas | De perolas fe eftejão femeando | [92v/b] Para ferem fobrella derramadas. | De lãge o tã do mar de quãdo em quãdo | Leonida nomee, & logo o vento | Leonida tambem va nomeando. | Eu fõ nas mãos do defcontentamento | Entre os medonhos monftros do receo | Tudo veja pefar, tudo tormento. | O dia me amanheça trifte & feo | E a noite que a vio daqui partida | Tudo de minhas magoas veja cheo | E tu o fermofifsima Leonida | Em cujo parecer refplandecente | Me pos Amor a liberdade & a vida. | Se a pena que padeço eftando aufente | Satisfação algũa te merece | E tella meu deftno mo consente. | Lembrete do tormento que padece | Efta alma fempore firme, & fempore tua, | Que a fi mefma por ti ja desconhece, | E fe queres que Amor lhe refitutua | Aquella fua gloria tão prezada, | Sua algũa hora, agora ja não fua. | Torna Leonida minha onde canfada | Efta de te chamar toda a efpelfura | Que tu deixauas douro matifada. | Torna onde as mefmas flores da verdura | Nafcidas para ti, por ti foSPIRão | faudofas de ver tua fermofura. | Torna onde os paffarinhos que te virão | Sobre as mais altas pontas do aruoredo | Cantão as faudades que sentirão. | Torna & veras o tofco de hum penedo | Onde Amor efcreueo por confolar-me, | A tua Leonida vira cedo. | Elle que razão tinha de acabarme, | Como competidor de meus cuidados | He parte para agora remediarme. | Tu fo por quem os eu tenho accettados | [93r/a] Como inimiga minha me trattafte | Deixandome entre males tão pefados. | Mas fe a ventura quer que inda não bafte | O dano de hũa aufencia tão penofa | A que tão cruelmente me entregafte. | Sei que nunca fera tão poderofa | Que tirando-me a vida defta forte | Quem me fez a dõr della tã ditofa, | Me não faça tambem ditofa a morte.

Quando Leonida dá licença ao vento | Que mence aquelle ouro delicado | Onde nunca chegou nenhum tormento | Que não foſſe em prazer logo mudado. | Forçado he que fe arrede o penfamẽto | Antes que chegue a fer nelle enlafado | Que bem fei que prisão de tanto preço | Nem a fei merecer, nem a mereço.



Quando nos bellos olhos de Leonida | Se manifesta a luz que nelles mora, | A beleza do ceo fica vencida, | E logo se entristece & se descora. | Em final de vittoria tão deuida | Os despojos que toma a vencedora | São as mostras, daquelle azul ditofo | Que nos seus olhos anda tão fermofo.

Edição crítica

[92r/b] Onde Leonida for, vá juntamente
o favor mais seguro da ventura,
que o tempo de hora em hora lhe acrescente,
revista-se-lhe o mar de fermosura,
e sobre as ondas mansas e fermosas
lhe mostre a viração nova brandura;
[92v/a] as Ninfas coroadas de ouro e rosas
em ricos açafates lhe apresentem
dos seus bellos jardins frutas mimosas;
e, se irados ventos também sentem
o preço de um cabelo ondado e louro,
de cuja prisão bela se contentem,
presos naqueles crespos lassos d'ouro,
onde Amor, todo envolto em claridade,
guarda os poderes seus e o seu tesouro,
ponham a natural ferocidade,
e lá detrás da popa reclinados
em nada ousem sair-lhe da vontade.
Os pexes só por velha alvoroçados
sobre o cristal das ágoas se levantem,
em mil jogos e danças ocupados,
diante as aves docemente cantem;
e tão sobidas vão no que cantarem
que a terra juntamente e os céos espantem,
as nuvens que no ar então se acharem
em prateados toldos estendidas
seu belo parecer do sol emparem;
as praias de esmeraldas guarnecidas
mil conchas no regaço lhe ofereçam,
que nunca mais do mar sejam feridas.
Fermosos Cirnes entre as nuvens deçam
e, largando dos bicos rica presa,
por senhora do Amor a reconheçam;
o leme lhe governe a gentileza
e no alto da proa vá assentada
a graça natural que Amor mais preza.



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

Assi de seus poderes rodeada,
por onde quer que for, vá de alegria
e de serenidade acompanhada;
sereno e claro se lhe mostre o dia,
e vestida de roupas estreladas,
serena e clara a noite se lhe ria.

As rosas, que a Aurora trás toucadas,
de pérolas se estejam semeando
[92v/b] para serem sobr'ela derramadas.
De longe o tom do mar de quando em quando
Leonida nomee, e logo o vento
Leonida também vá nomeando.

Eu só nas mãos do descontentamento,
entre os medonhos monstros do receo,
tudo veja pesar, tudo tormento.
O dia me amanheça triste e feo
e a noite que a vio daqui partida
tudo de minhas mágoas veja cheo.

E tu, ó fermosíssima Leonida,
em cujo parecer resplandecente
me pôs Amor a liberdade e a vida,
se a pena que padeço, estando ausente,
satisfação algũa te merece,
e tê-la meu destino mo consente,
lembre-te do tormento que padece
esta alma sempre firme, e sempre tua,
que a si mesma por ti já desconhece;
e se queres que Amor lhe restitua
aquela sua glória tão prezada,
sua algũa hora, agora já não sua,
torna, Leonida minha, onde cansada
está de te chamar toda a espessura
que tu deixavas d'ouro matisada;
torna onde as mesmas flores da verdura,
nascidas para ti, por ti sospiram,
saudosas de ver tua fermosura;
torna onde os passarinhos que te viram
sobre as mais altas pontas do arvoreda
cantam as saudades que sentiram;
torna e verás o tosco de um penedo
onde Amor escreveo por consolar-me:
«A tua Leonida virá cedo».

Ele, que razão tinha de acabar-me,
como competidor de meus cuidados
é parte para agora remediar-me;
tu só por quem os eu tenho aceitados
[93r/a] como inimiga minha me trataste,



UNIVERSO DE ALMOUROL

Director do projecto:
Dr. AURELIO VARGAS DÍAZ-TOLEDO

deixando-me entre males tão pesados.
Mas se a ventura quer que inda não baste
o dano de ùa ausência tão penosa
a que tão cruelmente me entregaste,
sei que nunca será tão poderosa
que, tirando-me a vida desta sorte,
quem me fez a dor dela tão ditosa,
me não faça também ditosa a morte.

Quando Leonida dá licença ao vento
que menee aquele ouro delicado
onde nunca chegou nenhum tormento
que não fosse em prazer logo mudado,
forçado é que se arrede o pensamento
antes que chegue a ser nele enlasado,
que bem sei que prisão de tanto preço
nem a sei mercecer, nem a mereço.

Quando nos belos olhos de Leonida
se manifesta a luz que neles mora,
a beleza do céu fica vencida,
e logo se entristece e se descora.
Em sinal de vitória tão devida
os despojos que toma a vencedora
são as mostras daquele azul ditoso
que nos seus olhos anda tão feroso!

Modo de citação: Aurelio VARGAS DÍAZ-TOLEDO, “*Palmeirim de Inglaterra III-IV (1587): composições poéticas*”, em *O Universo de Almoúrol. Base de dados da matéria cavaleiresca portuguesa dos séculos XVI-XVIII* (<http://www.universodealmourol.com/>), 2017.